



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA INGLESA**

MICHAEL ERMESON ARAUJO DA SILVA

**A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA ANÁLISE DE
UM ESTUDO DE CASO EM LÍNGUA INGLESA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

MICHAEL ERMESON ARAUJO DA SILVA

**A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA ANÁLISE DE
UM ESTUDO DE CASO EM LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura no curso de Letras – habilitação Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador (a): Professora. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Michael Ermeson Araujo da.
A necessidade da formação continuada a partir da análise de um estudo de caso em língua inglesa [manuscrito] / Michael Ermeson Araujo da Silva. - 2018.
24 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Formação Continuada. 2. Formação de Professores. 3. Ensino de língua inglesa. 4. Prática docente. I. Título
21. ed. CDD 371.12

MICHAEL ERMESON ARAUJO DA SILVA

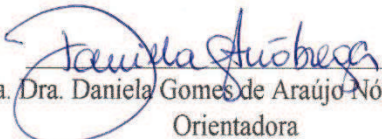
**A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA ANÁLISE DE
UM ESTUDO DE CASO EM LÍNGUA INGLESA**

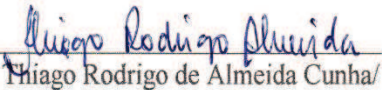
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura no curso de
Letras – habilitação Língua Inglesa, da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do título
de licenciado em Letras.

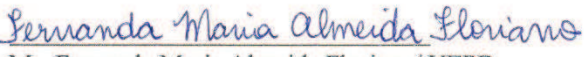
Orientador (a): Profa. Dra. Daniela Gomes de
Araújo Nóbrega

Aprovado em 27/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega/ UEPB
Orientadora


Profª. Ms. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha/ UEPB
Examinador


Profª. Ms. Fernanda Maria Almeida Floriano/ UEPB
Examinadora

Agradecimentos

À toda minha família e amigos, e aos Professores: Me.Valécio Irineu, Me. Telma Ferreira, Me. Thiago Almeida, Me, Marcílio Borba, Me. Karine Soares, Me. Maria das Neves, Me. Fernanda Floriano e outros que contribuíram muito para a aquisição dos meus conhecimentos. À minha orientadora, Professora. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega, pelas orientações, compreensão e paciência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁTICA REFLEXIVA	7
3 METODOLOGIA.....	11
4 O OLHAR DE UM ESTAGIÁRIO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA.....	12
ÚLTIMAS PALAVRAS NÃO CONCLUSIVAS.....	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXO 1	24

A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO CONTINUADA A PARTIR DA ANÁLISE DE UM ESTUDO DE CASO EM LÍNGUA INGLESA

Michael Ermeson Araújo da Silva¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar sobre a importância da formação continuada de professores de língua inglesa e de que forma a observação da prática do professor influencia na construção identitária do estagiário. Para fundamentar nossa análise temos como aporte teórico, Moita Lopes (1996), Freire (1996), Almeida Filho (2016), Araújo (2012), Branco (2011), Demo (2000), Estrela (2002), Fernandes (2014), Ferreira (2003), Falsarella (2013), Perrenoud (2000), Freitas (2013), Leffa (2007), Libâneo (2001), Maciel (2002), Marques (2000), Tessari (2014), Sousa (2017) e Schutz (2003). Nossa pesquisa aconteceu a partir das observações da disciplina Estágio Supervisionado III da Universidade Estadual da Paraíba que ocorreu em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Campina Grande. No resultado do nosso trabalho, observamos o quanto é importante ter uma formação continuada na profissão de professores de língua inglesa, e o quanto isso pode nos ajudar a desempenharmos nossa profissão de uma forma competente, e de uma forma que possamos motivar os nossos alunos ao aprendizado.

Palavras-Chave: Formação Continuada; Formação de Professores; Motivação; Reflexão.

1. INTRODUÇÃO

A Lei nº 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 87 institui a chamada “década da educação”, no período compreendido entre 1997 e 2007, sugerindo uma série de medidas para melhorar a prática de ensino, dentre elas, a exigência de que todo professor seja pelo menos graduado na sua área. Essas medidas deram ênfase a dois tipos de formação de professores, a inicial, que acontece no meio acadêmico sob os níveis de graduação e pós-graduação e a formação continuada.

Nas políticas educacionais vigentes, o que pode aprimorar a qualidade no ensino é o emprego de investimento na formação continuada de professores através de programas específicos implementados por secretarias de educação de acordo com a proposta pedagógica da escola Falsarella (2013), porém, essa prática existe? Em especial aqui, na formação continuada, essa responsabilidade é por parte do professor ou por parte da secretaria de educação?

¹ Graduando do curso de Letras - habilitação Língua Inglesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus I. Email: ermesonmichael@gmail.com

A formação continuada deve ter uma atenção especial, pois sem ela o professor não faz um trabalho eficiente, visto que esse profissional precisa estar atualizado, uma vez que ele representa papel preponderante no que tange à qualidade da educação (DEMO, 2002, p. 72). Além disso, o professor é trabalhador do conhecimento, cuja dinâmica faz “com que a educação assuma caráter de permanente recomeço e renovação” (MARQUES, 2000, p. 207-208). Mesmo que nós, professores, tenhamos tido uma formação inicial que consideramos adequada, nunca devemos parar de nos atualizarmos, pois a cada dia que passa existem novas tecnologias, novos desafios e novas metodologias de ensino, quando saímos da universidade ainda há muito a aprender. De acordo com Coelho (2010), o professor precisa refletir as novas realidades e precisa repensar sua prática e construir novas formas de ação. O professor deverá (re)construir constantemente sua ação pedagógica, uma vez que a formação continuada deve ser baseada na articulação entre a prática e a reflexão sobre a prática (LIBÂNEO, 2001).

Conforme nossa experiência no Estágio Supervisionado de monitoria, no papel de estagiário, a questão da formação docente continuada foi um dos fatores que nos chamou atenção. A partir da realidade vivenciada durante as observações no estágio supervisionado, esse trabalho tem como objetivo investigar a importância da formação continuada de professores de língua inglesa/adicional e de que forma a observação da prática da professora regente influencia na construção identitária do estagiário. Com base neste objetivo, acreditamos que a formação continuada de professores de língua inglesa é importante para a construção identitária do graduando uma vez que a prática docente daquele serve como modelo reflexivo para a formação inicial docente. O estágio se configura como espaço de reflexão de nossas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de ressignificação de seus saberes docentes e de produção do conhecimento (PIMENTA, 2011).

Vale ressaltar, contudo, que vamos utilizar neste estudo o termo "língua adicional" em detrimento de "língua estrangeira" por concordamos que este termo apresenta o que seria mais adequado quanto ao ensino de idiomas, e ainda, pelo fato do termo "estrangeiro" remeter a algo dos outros, o estranho, e a língua para ser ensinada necessita ser desestrangeirizada. (ALMEIDA FILHO, 1993). A língua inglesa estar muito presente em nosso cotidiano, em vários lugares temos contato com ela, seja em letreiros, aplicativos de celular, nomes de locais, jogos eletrônicos, enfim, a língua estar mais familiarizada, por esse motivo, não usaremos o termo estrangeiro, pois a língua nos é familiar.

Portanto, com objetivo de investigar sobre a importância da formação continuada de professores de língua inglesa, o presente trabalho está estruturado em quatro seções, a saber: formação continuada e prática reflexiva; onde temos o nosso aporte teórico. A metodologia;

onde temos o local da nossa pesquisa e o tipo de pesquisa que foi realizado. O olhar de um estagiário sobre a prática pedagógica da professora; onde discutimos mais detalhadamente sobre o assunto. E as últimas palavras não conclusivas; onde mostramos nossas considerações finais.

2. FORMAÇÃO CONTINUADA E PRÁTICA REFLEXIVA

Para dar fundamentação ao nosso trabalho tivemos como aporte teórico: Moita Lopes (1996), Freire (1996), Almeida Filho (2016), Araújo (2012), Branco (2011), Demo (2000), Estrela (2002), Fernandes (2014), Ferreira (2003), Falsarella (2013), Perrenoud (2000), Freitas (2013) Leffa (2007), Libâneo (2001), Maciel (2002), Marques (2000), Lima (2004), Pimenta (2004), Tessari (2014), Sousa (2017) e Schutz (2003). Conforme esses teóricos, poderemos criar uma discussão sobre o quanto é importante a prática da formação continuada de professores e como essa prática irá nos auxiliar na nossa construção identitária como estagiários e futuros professores de língua inglesa.

Para fazermos nosso trabalho de uma forma competente precisamos ter qualidade como profissional, tendo em vista que “a qualidade da educação depende, em primeiro lugar, da qualidade do professor” (DEMO, 2002, p. 72). Nós, professores, sabemos que nas escolas existem uma heterogeneidade e que não podemos trabalhar com as turmas como se elas fossem iguais, deste modo, a formação continuada, nos permite competências pedagógicas de natureza reflexiva, que adiciona à nossa formação comum. Sobre este viés, (PERRENOUD, 2000, p. 156), ressalta que o trabalho do professor ocorre “em contextos inéditos, diante de públicos que mudam, em referência a programas repensados, supostamente baseados em novos conhecimentos, até mesmo em novas abordagens e novos paradigmas”. Reforçamos aqui, as palavras: “novos conhecimentos”, por isso a importância de sermos profissionais atualizados e precisamos estar cientes que o nosso trabalho não acaba na graduação. Nosso trabalho necessita de uma formação contínua, i.e. precisamos de uma formação que faça “com que a educação assuma caráter de permanente recomeço e renovação” (MARQUES, 2000, p. 207-208). Ainda sobre a ideia de continuidade depois da graduação, Sousa, (2017, p. 92) destaca:

Que o aspecto cultural de resistência que temos a uma formação continuada constante influencie essa questão, visto que é muito comum, no Brasil, que, após finalizarem seus cursos de graduação, docentes parem de estudar e se

dediquem apenas ao trabalho. Assim, elas/es deixam de ter acesso a outros tipos de materiais e a aspectos teóricos ao se afastar da academia

É no mínimo inaceitável imaginar que o professor pare de estudar após formado, tendo em vista a importante função que desempenhará, enfrentando novas situações e desafios nos mais diferenciados contextos e precisará estar preparado para todas, e não apenas, as que lhe cabe como um professor de determinada área, precisa desempenhar vários papéis, (professor propriamente dito, psicólogo, pai/mãe, amigo/ irmão, conselheiro, sacerdote, dentre outros), o que nos implicar a aquisição de novas competências (ESTRELA, 2002, p. 141). Observamos a importância da formação continuada em nossas vidas, para sermos profissionais competentes, no momento em que, não apenas trabalhamos com nossa área, mas precisamos buscar em outras áreas do conhecimento, tais como; ética; políticos; psicologia; linguística, sociolinguística e tecnologias da informação, os quais surgem com desenvolvimento da sociedade. Mesmo que as escolas onde trabalhamos não ofereçam tais conhecimentos, ou não existam cursos de formação continuada na nossa área, devemos buscá-los.

Conforme Moita Lopes (1996, p. 184) “a sala de aula deixa de ser o lugar da certeza (...) e passa a ser o espaço da procura do conhecimento, em que o professor e os alunos (...) passam a ter papel central na prática social de construção de conhecimento” melhorando assim, a aprendizagem. Grande parte da formação continuada passa pela pesquisa em educação. Isto é, é através de uma pesquisa participante (em que o pesquisador e o objeto da pesquisa estão em relação), onde a sala de aula é um local para a prática dessa pesquisa, ou seja, o professor pode ser o pesquisador e os alunos objetos de pesquisa com o objetivo de melhorar a prática docente, através da pesquisa, o professor pode questionar sua própria prática e suas relações com os alunos. Para que isso seja possível, os professores em formação inicial e os que já se formaram precisam fazer pesquisa onde possam criticar seus próprios trabalhos, pois não há ensino sem pesquisa. Para Freire (1996, pp. 30-31).

Ensinar exige pesquisa não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Com base na citação acima, podemos dizer que o professor, sendo pesquisador, pode mudar a sua prática e buscar refletir. É observando como o estudante aprende e se aprende, quais são suas dificuldades, quais são suas desmotivações e o que pode estar fazendo de

forma correta ou errada, que o professor poderá intervir e tentar solucionar tais problemas. Para Cunha e Kasilchik (2000, p. 12)

A tentativa de envolver os professores com a pesquisa, levando-os a pesquisar a própria prática é difícil, mas viável se dispuser de um tempo maior para o acompanhamento dos professores. Envolver o professor na pesquisa significa mudar seus paradigmas, pois os professores até agora foram formados para ensinar e não para pesquisar.

Segundo Pimenta (2011), o professor tem a capacidade de pesquisar e produzir conhecimentos a partir da própria prática, como também, reconhecer-se como sujeito que não apenas reproduz o conhecimento, mas possa transformar sua sala de aula em espaço de práxis docente e de transformação humana. Portanto, é refletindo sua prática que ele pode possibilitar mudanças na escola e na sociedade

Concordando com Pimenta (op.cit), Inês Kisil Miskalo (2018), gerente-executiva de Educação que atua há 19 anos no Instituto Ayrton Senna, assevera que a formação continuada em serviço é fundamental, os professores precisam se reunir, cada um com sua realidade, e discutirem sobre as medidas que devem ser tomadas nas escolas em que atuam, quanto as facilidades, dificuldades e adequações. Na rede pública 1/3 do horário do professor deve ser voltado para a formação continuada o que muitas vezes não acontece e quando acontece não é na escola onde os professores trabalham, para ela, a cultura da formação continuada não é instalada no Brasil e sem uma formação continuada em serviço não há educação de qualidade.

O motivo da escola pesquisada não promover parcerias com instituições especializadas em formação continuada, não é do nosso conhecimento, mas o fato da escola não promover essa formação, não vai impedir que o professor busque outras formações, existem outras formas de formação continuada, tais como: cursos online; reuniões pedagógicas; cursos de pós-graduação; colaboração em rede e até a própria leitura em casa é uma forma de formação continuada, pois, o professor estará prolongando e aperfeiçoando seus conhecimentos.

Contudo, se a escola não oferece esse direito, cabe ao professor buscar sempre estar mais atualizados com os novos modos e metodologias de ensino que sempre estão se modificando, mas não apenas isso, precisamos ser reflexivos, buscarmos pesquisa, ação, descobertas, organização e intervenção, pois somos nós quem fazemos nossa formação. Conforme Perrenoud (2000)

Saber explicitar as suas práticas é a base de uma auto formação: (...) é aprender, é mudar a partir de diversos procedimentos; (...) entre eles, a

leitura, a experimentação, a inovação, o trabalho em equipe, a reflexão ou a simples discussão com os colegas. (...)A lucidez profissional consiste em saber quando se pode progredir através dos meios que a situação oferece ou a partir de meios externos (PERRENOUD, 2000, p. 158).

Nós precisamos, também, estar cientes que formação não é apenas o curso que fazemos, não é apenas nós irmos a uma universidade assistirmos as aulas e termos isso como suficiente, formação é passar a querer adquirir conteúdo, é envolver-se em situações de aprendizagem, que nós entendamos que possam colaborar efetivamente com o nosso aprendizado. Perrenoud (2002), diz que nós precisamos administrar nossa própria formação, não podemos esperar que o governo der um curso de formação, sua escola, ou que aconteça um congresso, nós precisamos aprender a aprender. Nós, professores, precisamos deixar de sermos passivos e sermos os principais articuladores de nossa formação. Para Inês Kisil Miskalo (2018):

A Formação Continuada segue a ideia de que você deve continuar aprendendo a vida inteira, independentemente da idade, experiência e anos de carreira. Em qualquer profissão, temos a necessidade de estar sempre atualizados e na educação não é diferente. É fundamental que toda a comunidade escolar esteja por dentro das últimas pesquisas e informações relacionadas a educação e busque conhecimento. O professor não pode parar de estudar, tem que continuar a fazer cursos, se especializar cada vez mais. Se ele volta para a universidade, faz cursos de especialização, mestrado, por exemplo, ele também precisa se dedicar à reflexão sobre a prática dele dentro das escolas. E, assim, melhorar cada vez mais.

Consoante Kisil Miskalo (2018), observamos a necessidade de estarmos sempre atualizados, devido as novas pesquisas relacionadas à educação que estão sempre surgindo. Usamos muito o termo “atualização” aqui, mas temos consciência que a formação continuada não se resume apenas a esse termo, ela vai muito além, ela precisa ser reflexiva e buscar ação e descoberta, nas palavras de Gadotti (2003):

A formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas (GADOTTI, 2003, p. 17).

Conforme aponta Gadotti (2003) na mencionada citação, o papel da formação continuada para professores assume uma função primordial, que é, nos dias atuais, aprimorar

as práticas a partir da reflexão do que é exercido em sala de aula, transformando a prática pedagógica em pesquisa e favorecendo com que o cotidiano nos faça melhor, a partir do momento que refletimos sobre nossa prática, podemos mudar, para não apenas lecionarmos aulas com práticas rotineiras ou usarmos metodologias descontextualizadas que não vão de acordo com as vivências dos alunos, essas práticas são benéficas para os professores, e principalmente para os alunos.

Com a prática dessas ideias, o professor vai se tornando um aprendiz constante, que possa construir sentidos e buscar e apontar novos sentidos para o que ele faz, como isso, deixará de ser “lecionador” e será organizador do conhecimento e da aprendizagem. (GADOTTI, 2003, p. 16.).

3. METODOLOGIA

Nossa pesquisa é denominada qualitativa e se classifica como estudo de caso. Segundo Caleffe e Moreira (2008), a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente, como também, por se preocupar com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais e ainda, qualitativa, pois, nossa pesquisa busca compreender e analisar as opiniões dos entrevistados, não se preocupando em ter seus resultados generalizados para todos os contextos.

Essa pesquisa também se classifica como estudo de caso, pois “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, um grupo ou comunidade, a fim de estudar aspectos variados que sejam objeto da pesquisa” (VIANNA, 2013, p. 01). Além disso, o estudo de caso busca estudar um caso em específico, algo menos amplo, que pode ser considerado suficiente para análise de um problema buscando decisões, melhorias e modificações para o objeto estudado.

Nossa pesquisa aconteceu em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, no turno da noite, com uma turma do EJA, durante a disciplina de estágio supervisionado III da Universidade Estadual da Paraíba que ocorreu entre o período de 05/05 a 16/06 de 2015 e foram observadas três horas/aula semanais, totalizando vinte e uma horas/aula

As duas turmas tinham em média 15 a 20 alunos. Por ser EJA, que é destinado àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, os alunos, em sua grande maioria eram adultos e estavam estudando no turno da noite, pois não tinham tempo de estudar durante o dia, porque trabalhavam. Constatamos

através de conversas com os alunos, que o motivo deles terem escolhido a modalidade EJA para terminarem seus estudos estava relacionado à carga horária reduzida, pois assim terminariam em menos tempo, e por ser no turno da noite, e ainda, por ser o único horário que eles tinham disponível.

Foi por meio de um questionário semiestruturado² aplicado à professora, com o objetivo de identificar se ela tinha algum tipo de formação continuada na área de língua inglesa e se essa formação era atual, como também, saber como a escola tratava a questão da formação continuada de seus professores. Os assuntos que foram abordados no questionário foram 1), o ano em que a professora concluiu os estudos; 2), quais as experiências: escolas públicas e privadas ou de idiomas; 3), os níveis de formação: especialização ou mestrado; 4), qual a importância que a professora atribuía aos cursos de formação continuada para professores de língua inglesa, 5), e se os mesmos eram implementados na escola.

4. O OLHAR DE UM ESTAGIÁRIO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA

Com base nas práticas da professora regente da escola, nós analisamos a importância da formação continuada de professores, e como essa formação pode nos auxiliar na nossa prática como futuros professores, levando em consideração que conhecer de fato o que ensina e buscar manter-se sempre atualizado com as práticas de ensino podemos motivar nossos alunos a uma aprendizagem significativa que leva em consideração tudo que os alunos já sabem, todos os seus conhecimentos prévios.

Muitos professores acreditam que terminar uma graduação já é suficiente para sua vida profissional. Acreditam que, nesse momento, acabam suas atividades e obrigações. Independentemente da qualidade da formação inicial, é fundamental que o professor dê prosseguimento a sua formação, pois, é inaceitável a ideia de que, em algum momento, possa ela ser considerada completa e esgotada. As instituições não formam um profissional completo, totalmente preparado para exercer a profissão, não se pode esperar isso de um curso superior, pois, “mesmo o aluno mais brilhante, ao sair da universidade, ainda tem muito a aprender” (LEFFA, 2007, p. 12).

² Quando existe a justificativa pela necessidade de se obter uma visão aprofundada do entrevistado, por meio de um roteiro semiestruturado, que permite ao pesquisador a liberdade de utilização e de inclusão de novas questões caso seja identificada esta necessidade (FREITAS, 2013, p. 78).

Mesmo supondo uma boa formação inicial, o professor precisa se manter atualizado de maneira que consiga acompanhar o desenvolvimento tecnológico e os avanços científicos. Quando isso não acontece, pode gerar uma desmotivação por parte dos alunos e alguns fatores que podem causar essa desmotivação são:

Professores com proficiência limitada, cobrança através de exames de avaliação com questões truculentas que nada avaliam, repetição oral mecânica, etc. Esses fatores desmotivadores podem ser observados na rede de escolas de ensino médio, onde o ensino de inglês ficou enclachado no método de tradução e gramática do início do século. (SCHÜTZ, 2003. p.04).

Nesse contexto, podemos ver o quanto é importante uma formação continuada. A LDB (Lei de Diretrizes e base da educação nacional), em seu artigo 36 “O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino” (BRASIL, 1996, p. 20). Isso implica em trabalhar com os contextos dos alunos; uma forma de trabalhar a partir da realidade deles. O problema é que muitos professores parecem não ter conhecimento disso. Isso pode estar relacionado ao fato de não terem uma formação continuada, de acordo com Tessari (2014).

Um dos caminhos para que o estudo da LE seja bem-sucedido na sala de aula é o professor conhecer as leis e os documentos que regem esse ensino, discutir teorias com seus pares, refletir sobre sua prática e investir na formação continuada.

Constatamos, na nossa pesquisa, que a escola/secretaria de educação oferece poucos cursos de formação continuada (na escola objeto dessa pesquisa) mas ambas têm o dever de firmar parcerias com instituições especializadas em cursos de formação continuada, que deverão ser pautados de acordo com as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, dentre outras, a que temos a seguir:

É por esse motivo que os cursos de formação ou de formação continuada de professores de Língua Estrangeira têm sido cada vez mais entendidos como contextos para a reflexão por meio do envolvimento dos professores em práticas de investigação. Estas têm seguido os princípios da pesquisa-ação, da pesquisa colaborativa e da auto-etnografia ou de histórias de vida. Sugere-se que, ao implementar-se esta proposta, leve-se em conta a perspectiva aqui preconizada para a formação de professores como agentes reflexivos e decisórios. Este documento é oferecido, portanto, como um instrumento para mediar a reflexão na área de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira no Brasil. (BRASIL, 1998, pp. 109-110).

Conforme visto nos PCN de Língua Estrangeira (1998), os sistemas de ensino devem incluir em suas políticas de formação contínua as ações de desenvolvimento profissional e qualificação docente, dimensões essa adicionadas às de Libâneo (2001), que considera a formação incluída na jornada de trabalho e nas ações promovidas pelas secretarias de educação em forma de programas. Libâneo (2001 *apud* PIMENTA, 2011).

Portanto, conhecer esses documentos ajuda o professor, tendo em vista que, será um norte a ser seguido, modos de trabalhar os assunto, as habilidades e os objetivos que o ensino de línguas almeja, porém, muitos professores não têm os conhecimentos dos PCN ou do PNLD, documentos de fundamental importância para a prática do profissional. Sabemos que a escola tem o dever de firmar parcerias com instituições especializadas em cursos de formação continuada, que deverão ser pautados de acordo com as recomendações dos PCN de LE. A ideia é que a própria escola constitui lugar de formação profissional, por ser sobretudo nela, no contexto de trabalho, que os professores e demais funcionários podem reconstruir suas práticas, o que resulta em mudanças pessoais e profissionais. Nós, desta forma, devemos nos esforçar mais para não desmotivamos nossos alunos através de práticas consideradas ultrapassadas.

Ainda sobre as leis, Martine (2010), por exemplo, defende que a execução das leis da LDB ocorre de forma lenta e propõe uma articulação entre o MEC, secretarias de educação, escolas e professores, objetivando uma sólida formação inicial, como também continuada, para que ocorra uma melhoria da educação.

Na prática do estágio supervisionado, contexto este discutido neste trabalho, nós observamos que a professora regente da escola não tinha o conhecimento das recomendações desses documentos. Como já foi mencionado aqui, não estamos preocupados com o fato da professora ser vítima por não conhecer o documento, pois, deixamos claro que existem várias formas de formação continuada e não apenas uma proposta da escola, por exemplo, até mesmo o ato de estudar em casa, por sua própria iniciativa, caracteriza-se uma forma de formação continuada.

Por meio de um questionário (ver questionário em anexo), constatamos que a professora terminou sua graduação no ano de 2005 e não era apenas letras língua inglesa, a graduação era dupla, com habilitação para língua portuguesa e inglesa. Durante esse tempo, a professora nunca fez um curso de formação continuada que tenha sido oferecido pela escola ou que ela mesmo tenha buscado (na área de língua inglesa), pois segundo ela, na escola em que ensina, poucas formações são oferecidas na disciplina de Inglês. Vale destacar que a

professora tem uma especialização na área de língua portuguesa. Ela ainda destacou que é difícil encontrar, em instituições diversas, especialização na área de língua Inglesa, uma lacuna que precisa ser urgentemente preenchida no âmbito de cursos de Pós-graduação nos cursos de Formação de Professor em Línguas Estrangeiras no Brasil.

Observamos, também, as aulas e percebemos algumas práticas diferentes do que estudamos na universidade; aulas que se resumiam apenas a traduções e com um contexto totalmente inadequado com a realidade dos alunos; o professor precisa sair de um mundo sincrético e caminhar para um sintético³ onde o conhecimento está relacionado com a realidade do aluno, para que este tenha sentido. Por esses fatores, percebemos a importância da formação continuada para a área de língua Inglesa. Entendemos que se tornar professor é um processo de longa duração, de novas aprendizagens e sem um fim determinado, conforme já discute Nóvoa (1999). Na área de língua inglesa, o professor precisa dominar a competência comunicativa, a pronúncia, por exemplo, é fundamental.

Conforme Almeida Filho (2016), os professores de línguas adicionais não são iguais aos das demais disciplinas. Eles são professores de língua(gem), e quando uma competência comunicativa não se alimenta, as chances de sucesso na competência comunicativa diminuem também. Portanto, para professores de língua inglesa, ou de outras línguas adicionais⁴, a formação continuada é ainda mais importante, pois, trabalhamos com outra língua, com pronúncias, com outra gramática diferente da nossa língua materna, e precisamos ter a competência da pronúncia, pois o não exercício dessa continuidade faz com que nós acabemos esquecendo.

Tratando-se de pronúncia, aconteceram casos em que a professora regente da escola cometeu alguns erros simples nas pronúncias, tais como em: *Thousand*, algo como: (tousande) *Girl* (guél), *Were* (uéri) e *Live* (laive). Nesse último caso, se tratava de um verbo, então, a pronúncia não poderia ser (laive). Moita Lopes (1996), acredita que no processo de ensino aprendizagem da língua adicional é irreal focar na habilidade linguística: expressão oral, por conta do domínio reduzido das habilidades orais por parte da maioria dos professores. A maioria dos professores de línguas adicionais nas escolas públicas do Brasil, contexto foco deste trabalho, não falam a língua que leciona ou falam pouco Oliveira (*apud* TESSARI, 2014, p. 14). Para Almeida Filho (2016), os professores de línguas adicionais não se sentem

³ “Onde o aluno passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética), a uma visão sintética, mais organizada e unificada” (LIBÂNEO, 1992, p. 14).

⁴ É um modo de desestrangeirizar o termo "língua estrangeira", pois esse termo nos passa a ideia de língua dos outros ou de línguas estranhas, que não seria mais estrangeira depois do contato com a mesma na aprendizagem. Almeida Filho (1993).

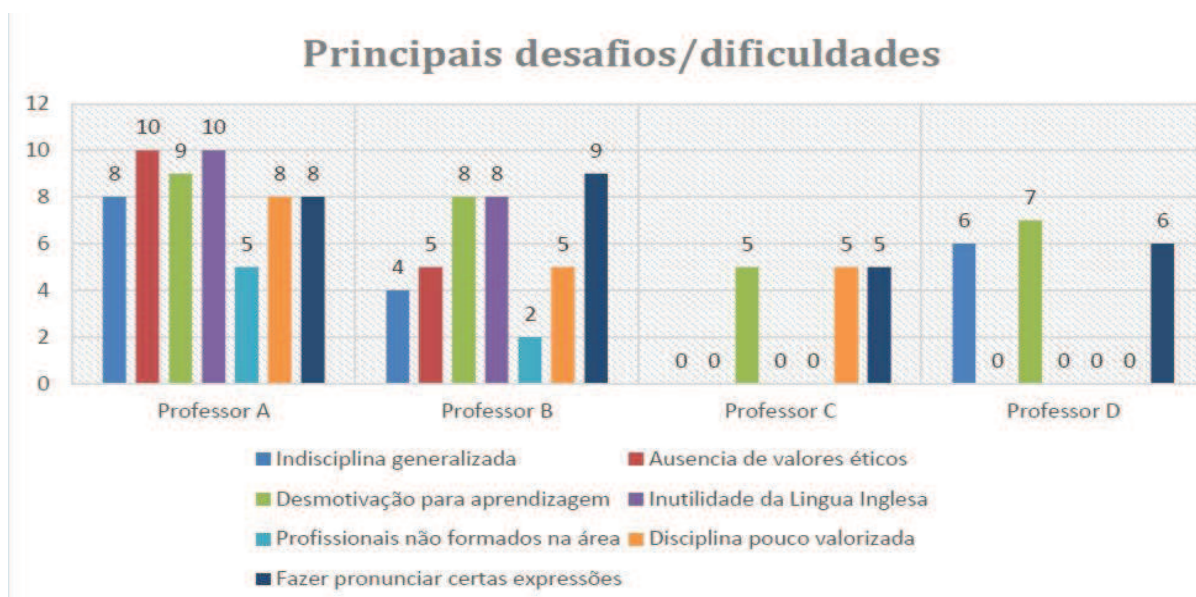
seguros para usarem a língua com os alunos, portanto, são necessárias iniciativas de formação continuada, para poderem sanar essa insegurança.

No momento em que a professora cometia os erros de pronúncia, era um pouco embaraçoso para a gente, pois os alunos sempre nos perguntavam se aquelas pronúncias estavam corretas e alegavam que sabiam que não era daquela maneira a forma correta e falavam que a professora não sabia ensinar, que eles mesmos sabiam mais do que ela e que não se interessavam pelas aulas de língua inglesa pelo fato de a professora não saber as pronúncias corretas. Logo, observamos aqui a desmotivação dos alunos por falta da capacidade linguística da professora e, por conta disto, uma formação continuada pode proporcionar mais confiança/segurança para o professor de língua inglesa. Segundo Sousa, (2017, p. 110).

A formação continuada se configura como uma oportunidade para o crescimento profissional e pode estimular os/as docentes a desenvolver o autoempoderamento (...) na medida em que podem se fortalecer para se expressar cada vez mais confortavelmente em língua inglesa

Ainda sobre a desmotivação dos alunos, uma pesquisa realizada com professores de escolas públicas municipais do estado da Paraíba em 2014, quando perguntados sobre os desafios e dificuldades que enfrentam nas salas de aula, a desmotivação dos alunos com a disciplina de língua Inglesa obteve a maioria dos pontos. Seque o gráfico abaixo:

4.1 Figura 01: Principais desafios/dificuldades



Fonte: FERNANDES, 2014, p. 15⁵

⁵ Disponível em < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4603/1/PDF%20-%20Rosivaldo%20Matias%20Fernandes.pdf> > Acesso em 25. Maio. 2018

Como podemos ver no gráfico, a desmotivação para aprendizagem obteve 72%, assim sendo, ganhando para os demais desafios e dificuldade. Como vimos na nossa pesquisa, a não competência linguística do professor pode levar à desmotivação dos alunos, tendo em vista que o professor é quem pode estar contribuindo com essa desmotivação, por isso, a prática da formação continuada tem fundamental importância na vida profissional do professor de língua Inglesa. Afinal, um professor seguro e bem preparado é quem pode motivar os alunos.

Vale ressaltar que, em nenhum momento esse trabalho tem o objetivo de ridicularizar a professora. Nosso objetivo é para fins de aprendizagem para a nossa futura prática como docentes em Língua Inglesa. Uma aprendizagem que nos permita motivar nossos alunos, tendo um compromisso de nos mantermos bem formados e sempre refletindo sobre nossa prática, sempre buscando o novo e investindo em formação continuada, saindo assim, da zona de conforto, dessa maneira, podemos fazer com que o ensino da língua seja bem-sucedido e motivador, sendo assim, não fazendo uso das mesmas práticas aqui apresentadas.

Na prática do estágio supervisionado nós conseguimos fazer as seguintes observações: (1) a prática da professora; (2) se a mesma participava de programas de formação continuada; (3) como a não continuidade nos aprendizados da língua, por parte da professora, e o não conhecimento dos documentos que regem o ensino de línguas pode atrapalhar nas aulas de Língua Inglesa.

O PCN, o documento oficial que rege o ensino de línguas adicionais, tem como propostas trabalhar o contexto dos alunos para facilitar no aprendizado. A professora escrevia exercícios que, na nossa opinião, eram muito estruturalistas/mecanicistas (exercícios de automatização), que se tratavam de escrever o passado dos verbos e outras palavras soltas e traduzi-las e, em uma outra parte, colunas e traduzir algumas frases. Tudo isso sem, na nossa concepção enquanto estagiários, nenhuma significação para os alunos, sem contexto. “Trabalhar por analogias ou oposições entre palavras a partir de temas é mais produtivo do que propor a simples memorização de listas de vocábulos dissociados de contextos” (PCNEME. 2015, p. 105). Um dos fatores que não estimula os alunos na aprendizagem de língua inglesa nas escolas é, por exemplo, ensinar palavras soltas e sem sentido e contexto. É bem provável que os alunos possam encontrar a tradução de um determinado verbo para o passado, mas ao encontrar, onde usar? Com que propósito? Com qual objetivo? Isso parece não ficar claro para os alunos, “a tradução descontextualizada e feita literalmente não é mais suficiente na atualidade” (BRANCO, 2011, p. 167). O que predominou foi um ensino muito

instrumentalizado⁶, um tanto diferente do que vemos na teoria, na sala de aula da universidade, ou nos PCN, onde o que seria mais ideal, seria trabalhar com assuntos e contextos que retratem as rotinas e as vivências dos alunos. Isso sim, seria uma aprendizagem mais significativa. Como podemos ver a seguir.

Desenvolver o ensino da língua estrangeira por meio da leitura e interpretação de textos variados, em atividades que remetam, sempre que possível, a uma perspectiva interdisciplinar e vinculada a contextos reais. Os assuntos e temas trazidos para a sala de aula devem ter relação com o universo de interesses dos alunos do ensino médio, ou com o aprendizado que estiver ocorrendo em outras disciplinas, desde que não se configure uma Interdisciplinaridade forçada. (BRASIL. 2015, p. 108).

Queremos dar ênfase à essas ideias de “sempre que possível”, pois quase sempre é possível vincular uma atividade ao contexto real dos alunos. Ao trabalhar a tradução, por exemplo, existem oportunidades de usar o contexto mais próximo que o aluno conheça. Dessa forma, o aluno poderá interagir com mais confiança no contexto de língua inglesa. Não praticar essas habilidades, esses conhecimentos, esses aprendizados, por parte do professor, é falta de conhecimento dos modos ideais de trabalhar em sala, por consequente, de uma formação continuada.

Falamos aqui, em especial da língua inglesa que, por ser uma língua adicional, torna-se mais complexa, pois o professor irá trabalhar a gramática, escrita, leitura e a pronúncia, principalmente essa última, pois, na nossa pesquisa nós pudemos observar a falta de domínio por parte da professora. Pronúncia é uma habilidade complexa e não a praticá-la pode prejudicar o ensino como um todo, o que acaba levando a desmotivação dos alunos, tendo em vista que muitas vezes, os alunos perguntam a pronúncia de uma determinada palavra e se não soubermos, o aluno pode se sentir desmotivado a estudar o idioma. Foi exatamente isso que ocorreu na nossa pesquisa. As muitas palavras que a professora pronunciava estavam incorretas. Essa prática quando vai se repetindo, pode desencadear uma certa desmotivação nos alunos, e eles se perguntam, “se o professor não sabe, como ele vai nos ensinar?” Uma formação continuada e a prática dessas habilidades, poderiam minimizar problemas como esses descritos e discutidos neste trabalho.

Observamos que a professora trabalhava muito com tradução, nós sabemos que seria praticamente impossível trabalhar a língua inglesa sem tradução, contudo o modo como a

⁶ “O termo pressupõe a ideia de algo automático, condicionado, em que não pode haver aprendizado” (CONEJO, 2007, p. 1233).

tradução foi trabalhada na sala nos faz refletir sobre a nossa futura prática como professores. O professor de língua inglesa deve propiciar a seus alunos atividades que incluam:

(i) a busca de palavras no dicionário e a escolha do sentido mais adequado a cada contexto entre as diferentes acepções; (ii) a busca, a partir de uma palavra em português, de seu significado mais adequado, em língua estrangeira; (iii) o desenvolvimento de técnicas de tradução e versão, partindo de palavras-chave e de palavras-ferramenta (verbos, substantivos, conjunções) (BRASIL. 2015, p. 105).

Trabalhando dessa maneira, sem traduzir palavras fora de contexto, e sem atribuir um único significado às palavras, o ensino pode ser significativo e motivador para os alunos. De modo que o ensino possa fazer sentido, onde uma atividade signifique algo que o aluno possa relacionar com seu contexto e com suas vivências. E a prática da motivação pode acontecer na sala de aula quando o professor for realmente capacitado, pois, hoje existem facilidades para o alunos adquirir uma informações que ele tenha adquirido na sala, por exemplo, e ao busca-la, constate que não era a mesma que o professor tinha passado, seria o caso dos erros das pronuncias que citamos aqui, com as facilidades tecnológicas os alunos buscam a informação em tempo real e o não ensino correto pode levar o alunos a ficarem desmotivados, tendo em vista que perceberá que o professor estar ensinando de uma forma incorreta.

ÚLTIMAS PALAVRAS NÃO CONCLUSIVAS

A partir da nossa pesquisa realizada no estágio supervisionado III⁷ da Universidade Estadual da Paraíba, em uma escola regular em Campina Grande – PB, com o objetivo de investigar sobre a importância da formação continuada de professores de Língua Inglesa e de que forma a observação da prática da professora influencia na construção identitária do estagiário. Nós pudemos concluir, a partir das observações, que para nós, profissionais da educação, a formação continuada é importante e é através dela que podemos fazer nosso trabalho de forma competente, pois ela agrega conhecimentos capazes de gerar transformação e impacto nos contextos profissionais e escolares. Refletindo sobre a prática da professora, percebemos o quanto é necessário, nós como futuros profissionais da educação, nos mantermos em um processo contínuo de estudos e formações, desse modo, podemos sempre ser bons profissionais. Não é com o fim da graduação que a nossa formação acaba, nossa

⁷ No ano de 2015, o estágio supervisionado III ainda era de observação, tendo em vista que após esse ano, a grade curricular do curso mudou.

formação é um processo contínuo, precisamos ter uma formação que faça “com que a educação assuma caráter de permanente recomeço e renovação” (MARQUES, 2000, p. 207-208). O professor precisa se manter bem informado, as metodologias de ensino estão sempre mudando, o ensino não é mais como era antes e o professor precisa se manter atualizado. A professora do estágio não fez uso dessa prática e por essa razão acreditamos que as aulas eram pouco produtivas, com práticas de ensino descontextualizadas, usos da ferramenta de tradução com palavras soltas, sem contexto, textos aleatórios para serem traduzidos, e na prática da oralidade, erros de pronúncias de muitas palavras (que os próprios alunos sabiam que não era a maneira correta) enfim, essas práticas não motivam o aluno a aprender.

Nós, professores, sabemos das dificuldades que enfrentamos ao ensinar uma língua estrangeira/adicional, tais como: o próprio sistema que parece não motivar os alunos, onde em muitas escolas a disciplina não reprova, temos conhecidos jargões dos alunos: “para que vou aprender isso se não vou usar” ou “inglês não serve para nada” esses fatos já são suficientes para fazer com que o aluno não tenha motivação para aprender a língua, e isso atrelado a uma prática onde o próprio professor não tem domínio da língua que ensina, pode desmotivar ainda mais o aluno, por tanto, é essencial que o professor assuma o caráter de renovação, aperfeiçoamento e capacitação, como se tudo fosse o início.

Acreditamos que possíveis soluções para o problema seria nós professores termos a consciência que, se não construirmos uma boa formação na nossa vida acadêmica e contínua, podemos, através disso, desmotivar nossos alunos, precisamos ter ciência das nossas obrigações como professores, da competência que precisamos possuir, e é por meio de uma formação continuada que poderemos ser mais preparados e confiantes, para assim, podermos motivar nossos alunos ao aprendizado, então, a conscientização por parte de nós professores é o que pode realmente mudar essa situação, “a qualidade da educação depende, em primeiro lugar, da qualidade do professor” (DEMO, 2002, p. 72).

Caso a nossa escola não ofereça oportunidades de práticas de formação continuada, nós precisamos buscar novos conhecimentos, novos métodos, fazendo sempre a prática de leituras de autores da nossa área, de um modo continuado, enfim, a ideia é nunca parar de estudar e de aperfeiçoar-se. Objetivando contribuir no processo de melhoria das nossas práticas pedagógicas em nossa rotina de trabalho em sala de aula, formação continuada é continuar a aprender, refletir e construir conhecimentos.

ABSTRACT

This work has the objective of investigating the importance of continuing education of English teachers and how the observation of the teacher practice can influence on the trainee's identity. In order to support this work we find basis on Moita Lopes (1996), Freire (1996), Almeida Filho (2016), Araújo (2012), Branco (2011), Demo (2000), Estrela (2002), Fernandes (2014), Ferreira (2003), Falsarella (2013), Perrenoud (2000), Freitas (2013), Leffa (2007), Libâneo (2001), Maciel (2002), Marques (2000), Tessari (2014), Sousa (2017) e Schutz (2003). Our research was based on the observations of the supervised internship III from State University of Paraíba that took place in a State School of Elementary and high school in Campina Grande. In the result of our work we note how important a continuing education is in the profession of English teachers, and how this can help us to carry out our profession in a competent way and in a way that we can motivate our students to learning.

Keywords: Continuing Education; Teacher Training; Motivation; Reflection.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. ; OLIVEIRA, H. F. . **Que Área e o Que Sustenta a Formação de Professores de Línguas nas Licenciaturas em Letras (Linguagem).** Linguagem & Ensino (UCPel) , v. 19, p. 197-215, 2016.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no Ensino de Línguas.** 1. ed. Campinas: Pontes, 1993. v. 1. 76p

ARAÚJO, M. S, Dias. **Formação de professores de língua inglesa e estágios supervisionados: da reflexão à ação.** Campina Grande: Realize Editora, 2012. 236 p.

BRANCO, S. O. **As faces e funções da tradução em sala de aula de LE.** DOI: 10.5007/2175-7968.2011v1n27p161. Cadernos de Tradução, v. 1, p. 161-178, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média. **Parâmetros. Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

COSTA, N. M. L. **A Formação Contínua de Professores – novas tendências e novos caminhos.** Holos, Ano 20, dezembro de 2004. p. 63-75.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 272 p.

ERICEIRA, Klinger Ribeiro. **Formação Continuada de Professores: o contexto da escola pública.** Secretaria de Estado de Educação. Distrito Federal. p. 1-16.

ESTRELA, Maria Teresa. **A investigação como estratégia de formação contínua de professores: reflexão sobre uma experiência.** In: SHIGUNOV NETO, Alexandre

ESTRELA, Maria Teresa. **A formação contínua entre a teoria e a prática.**

FALSARELLA, Ana Maria. **Formação Continuada de Professores e elaboração do projeto pedagógico da escola**. 2013. p. 191-207.

FERNANDES, Rosivaldo Matias. **Formação continuada [manuscrito]: como os professores (as) de língua inglesa encaram essa nova fase?** /Rosivaldo Matias Fernandes. - 2014. p. 15 disponível em: <
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4603/1/PDF%20-%20Rosivaldo%20Matias%20Fernandes.pdf>> acesso em 25. Maio. 2018

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FREITAS, Thiago Rodrigues **Análise do valor percebido pelos clientes prestadoras de serviços de apoio logístico do setor de petróleo & gás no Brasil** / Thiago Rodrigues Freitas; orientador: Marcos Cohen. – 2013. 143 f. : il. (color.) ; 30 cm disponível em: <
http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1112856_2013_cap_4.pdf > Acesso em: 12 outubro. 2018

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho, Ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Grubhas, 2003.

LEFFA, Vilson J. **Pra que estudar inglês, profe?: Auto-exclusão em língua-estrangeira**. Claritas, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-65, maio 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: _____. Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em: <
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>>. Acesso em 04 novembro de 2018.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura (Orgs.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papirus, 2002. p. 141-172.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional da educação**. 3. ed. atual. Ijuí (RS): Ed. Unijuí, 2000. 238 p. (Coleção Educação; 13)

MARTINS, M. (Org.) ; ZONI, M. (Org.) ; ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) . **JCP Duas esferas da atuação de professores de línguas: domínio da língua-alvo e gestão do ensino nela realizado..** 1. ed. Macapá: UNIFAP, 2016. v. 1.

PERRENOUD, Philippe. **As 10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. Estágio e Docência. São Paulo: Editora Cortez, 2004

TESSARI, E. M. B. . **Reflexões sobre o ensino de língua estrangeira**. Presença Pedagógica , v. 20, p. 13-17, 2014.

SCHÜTZ, Ricardo. "**Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas**" English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. Online. 10 de novembro de 2003.

SOUSA, Laryssa Paulino de Queiroz **Reflexões sobre educação crítica de língua inglesa**: [manuscrito]: uma pesquisa colaborativa de formação docente em uma escola de idiomas / Laryssa Paulino de Queiroz SOUSA. - 2017. clxvii, 167 f.: il.

VIANNA, Cleverson Tabajara. **Classificação das Pesquisas Científicas** - Notas para os alunos. Florianópolis, 2013, 2p. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/cleversontabajara1/metodologia-cientfica-tipos-de-pesquisa-ultimate>>. Acesso em: 25 maio de 2018

 A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias / Mirza Medeiros dos Santos, Nostradamos de Medeiros Lins. (Orgs.). – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007. 102 p. (Coleção Pedagógica; n. 9)

<http://futura.org.br/caleidoscopio/sem-formacao-continuada-dos-professores-nao-ha-educacao-de-qualidade/> acessado em: 01 de julho de 2018

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

1. Qual licenciatura você concluiu e quando?

Licenciatura em Letras 2005

2. Qual sua experiência de ensino em língua inglesa (pode escolher mais de uma opção)

2.1 () entre um a cinco anos () de 5 a dez anos () mais de dez anos

2.2 ☒ escola pública ☒ escola privada () curso de idioma

() outros _____

2.3 ☒ fundamental 2 ☒ ensino médio () ensino superior

3. Qual seu nível de formação:

☒ graduação ☒ especialização () mestrado () doutorado

- caso tenha marcado apenas a primeira opção, responda:

3.1 Você tem interesse em fazer algum curso de pós-graduação? Por que?

*Sim, pois um curso de pós-graduação oferece
treinamento e conhecimentos atuais em relação a dis-
ciplina que ensino*

3.2 Qual importância você atribui aos cursos de formação continuada para professores de língua inglesa? Existe programas específicos de formação continuada implementados por a secretaria de educação ou a escola onde você trabalhar? Comente.

Quanto a formação de professores nota-se uma falta de atualização. É preciso, pois, atualizar o conhecimento da disciplina de ensino, pois há mudanças de ensino - aprendizagem, mas na disciplina de inglês poucas mudanças são feitas.

- caso tenha marcado a partir da segunda opção:

3.3 Comente sobre esta formação (quando, qual curso, motivo)

Eu tenho uma especialização, mas é na área de língua portuguesa. Quanto à inglês ainda é difícil encontrar em algumas instituições cursos de especialização na área de língua portuguesa.